

I ANNO

NUM. IV

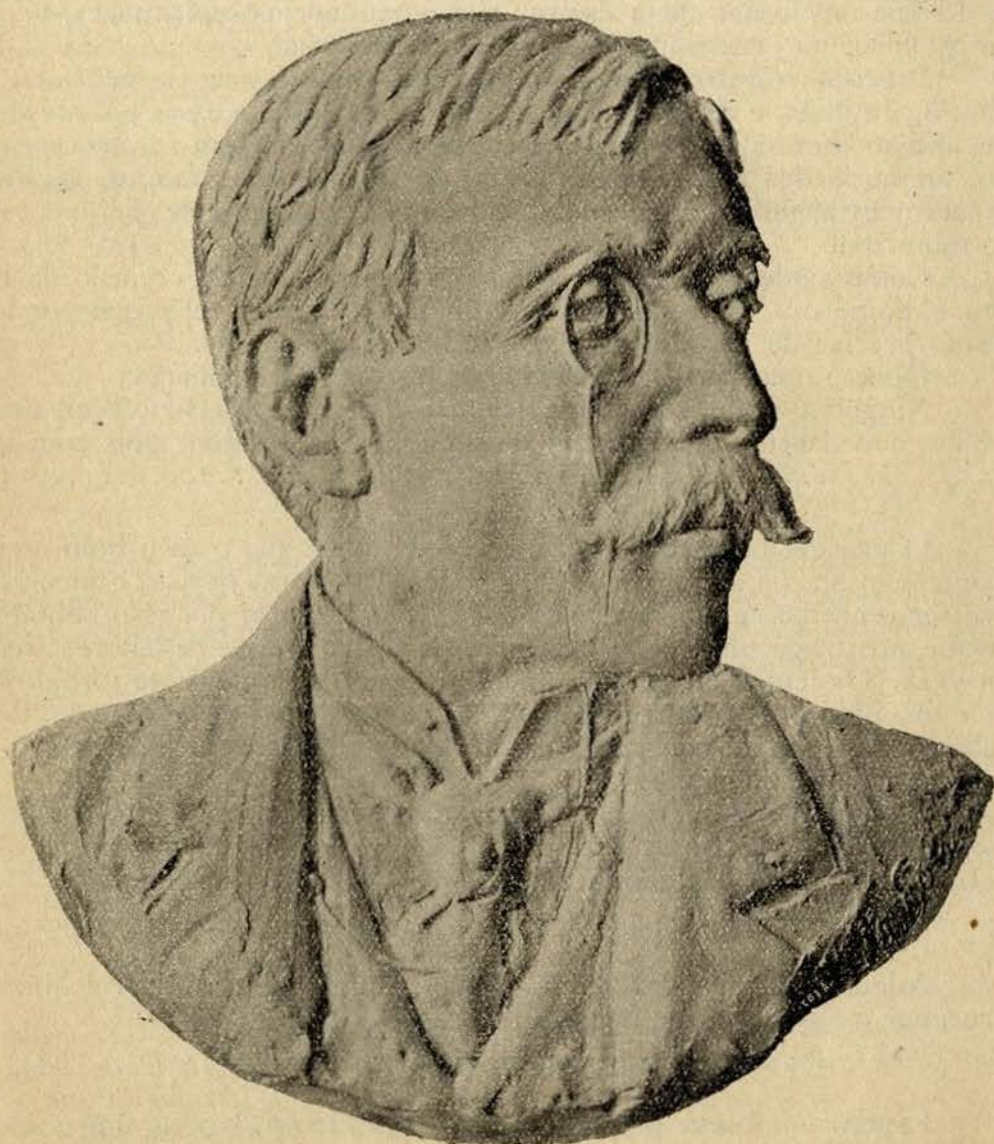
Revista Nova

Lisboa, 25 de junho de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 90 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

Eça de Queiroz



Baixo relevo

por Costa Motta, (sobrinho)

Duas cartas de Eça de Queiroz

.....

Meu caro dr. Garcia.

Lisboa, 26.

Antes de lêr, veja quem assigna esta carta, repare no *papel* que vae dentro, e sabe logo do que se trata. Lembra-se de quantas vezes nós lhe fallamos ahi, eu e o Anselmo, n'um projecto um pouco phantastico d'uma Revista? Lembra-se que n'esse tempo nos prometteu a sua coadjuvação? Pois, meu querido Dr., chegou o momento de realisarmos hoje essa vaga esperanza litteraria.

Anselmo e eu resolvemos, de uma maneira definitiva e seria, crear em Lisboa um jornal cheio das modernas tendencias espirituaes, na ordem politica, na ordem litteraria, e na ordem social.

Precisa-se d'isto, meu caro Dr., n'este triste paiz da pedrada, do apito, da cutilada, e do grito. E' necessario dar a mão a essas pobres ideas que andam junto da fronteira sem poderem passar, sem se atreverem a isso, atemorizadas pelo aspecto brutal dos nossos *concidadãos*, receosas de serem esmagadas, apedrejadas e levadas ridiculamente para a estação municipal.

Como pôde vêr pelo *prospecto*, o pensamento da criação da Revista é bom, um tanto audacioso, um tanto irrealisavel e que por isso mesmo precisa de grandes auxilios, de bellas dedicações.

Quer o meu caro Dr. Garcia ser um d'estes auxiliares?

Ninguém pode, com tanta sciencia e com tão perfeito bom tacto, auxiliar a redacção d'um jornal d'esta ordem. Contamos pois consigo.

.....

O prospecto, percebe para que é. E' para que o meu bom amigo arranje por ahi as assignaturas que poder. Coimbra, pela sua educação, deve ser uma das terras que mais deve lêr a *Revista*; por isso contamos em que nos traga uma pequena legião de assignantes e de leitores: *legio vincetrix*. Os lentes da Universidade deveriam lêr todos este jornal. Toda a mocidade, a primavera sagrada, como diziam os Romanos, deve acolher este jornal, não como um revelador, mas como um archivo de ideas novamente reveladas.

Emfim, o meu caro Dr. Garcia, fará, estou convencido, com esse *prospectosinho* na mão, uma tal colheita de assignaturas, que eu não lhe offereço um abraço par cada uma, porque... não o quero suffocar.

.....

Adeus. Escreva para mim, *Rocio*, n.º 26, 4.º andar. Eu quizera já receber a sua resposta, decerto favoravel.

.....

Espero em breve a sua resposta e entretanto dou-lhe um grande, um affeçoado abraço.

Seu do coração

José Maria d'Eça de Queiroz.

Meu caro Garcia.

Ahi te remetto um prospecto. Já deves saber pelos jornaes a indole e a feição d'esta publicação; de resto o titulo é o melhor programma. As *Farpas* são um pamphleto revolucionario, é a ironia e o espirito ao serviço da justiça. São o folhetim da Revolução.

Comprehendes logo o alcance d'esta publicação; o seu apparecimento é alem d'isso importante: coincide com o apparecimento do espirito revolucionario em Lisboa.

Aqui, meu caro Garcia, conspira-se, ha clubs, projectam-se jornaes, ha muita excitação e bastante vontade.

Não penses que é um movimento isolado d'alguns espiritos mais esclarecidos: é uma intenção quasi unanime e que se apoia no pequeno commercio e na classe operaria. Temos esperanças. Eu mesmo que te fallo sou membro da Internacional, mas comprehendes que não fui filiado por esses suppostos agentes de que os jornaes fallaram, que são alguns especuladores de Madrid que se harmonisam com os *Penicheiros*.

Trata pois de espalhar por ahi tanto quanto poderes as *Farpas*, que são a vanguarda e as primeiras sentinellas de descoberta do movimento revolucionario. Remette-me os prospectos, dentro de 15 dias, com as assignaturas que poderes.

Conhecemos as tuas ideas e contamos contigo. Adeus. Trabalha n'este sentido e responde bem.

Irmão em ideaes, muito fraternal.

Eça de Queiroz.

Eça de Queiroz

Do costume portuguez da louvaminha geral aos mortos, salvou-se Eça de Queiroz e ainda bem. Com a obra do illustre escriptor, nem todos concordaram depois d'elle morrer, — uns talvez por despeito da gloria, outros para se evidenciarem á herança do patriarchado nas Lettras e ainda outros pelo prazer de dizerem mal.

Quantos fallaram do Eça, nem eu sei!

Houve quem escrevesse cousas terriveis, houve quem dissesse lindas cousas e ainda houve quem mais valera estar calado do que dizer o que disse. O facto é que se prova, assim, que o auctor do *Primo Bazilio* e do *Crime do Padre Amaro* não era um pobre diabo cuja fama adviesse da cavaqueira dos cafés por alguém, um dia, se lembrar de lhe achar valor e, depois, todos o repetissem, cá fóra, n'uma inconsciencia de opinião.

Pois, se alguns lhe chamaram o maior romancista portuguez do seculo XIX, a verdade é que, tambem, houve quem puxasse para o campo diametralmente opposto, negando-lhe quasi todo o brilhantismo da sua intelligencia.

Então a obra de Eça é completamente bôa ou inteiramente má?

Não é, decerto; e descontando mesmo a má fé dos exageros de certos censores ou d'alguns louvaminheiros, esta desorientação d'um justo criterio sobre o que valeu o distincto escriptor, demonstraria á evi-

dencia, se não fosse sabido já, quanto a opinião publica é superficial em questões d'arte e litteratura.

E será possível desde já avaliar perfeitamente os beneficios do trabalho litterario de Eça de Queiroz, para a sociedade portugueza?

Creio que tambem não, porque se torna impossivel uma completa justiça ao morto, ainda agora, uma vez que a sua figura se conserva fresca deante dos nossos olhos não deixando livre o cerebro das reminiscencias do seu rasto na terra, onde, como homem, despertou invejas e amizades, malquerenças e sympathias, odios e admirações, tudo quanto uma figura intelligente levanta em roda de si, pelo convivio social.

No entanto, o que já hoje se vê é que o Eça não foi um mystificador nas lettras pois as suas palavras, a sua fórma, as suas idéas assentavam firmes na sua maneira de ser, — um dandy, um mundano, um impressionista, talvez mesmo um jornalista de impressões, um chronista litterario de jornal, se em Portugal houvesse jornaes litterarios como em França. E mais tarde, quando outros que o não viram nem o conheceram, apagado da terra que elle pizou o ultimo echo dos seus passos, tiverem de reconstituir o homem pela sua obra, hão de erguel-o, ia jurar-o, das suas paginas, das suas descripções, da sua ironia, tal como elle era, demonstrando que, se não foi um genio, foi, ao menos, sincero, o que não succede a todos, mesmo áquelles que mais o censuram agora.

Pobre Eça! Não; d'elle, tenho eu a certeza que ninguem duvidará seja d'aqui a cem annos, seja d'aqui a cem mezes.

*
* * *

Aquelle seu dandysmo de cabide, aquella preocupação da linha, a molleza do seu olhar, a agudez da sua physionomia, emfim a sua expressão melancholica, tudo isto se liga tão bem á doçura da sua prosa escorrendo melliflua aos nossos ouvidos que não será, nunca, possível dividir entre o homem e o artista, para se afirmar que um não foi o complemento do outro. Mesmo quando Eça de Queiroz affirmava pertencer á Internacional ⁽¹⁾ ahi está o *dandy*, o janota como foi Garrett, o homem das impressões a descobrir um *chic*, uma linha nova, para a sua vida anciosa de novidades, sugando aqui e acolá o mel das flores finas como as borboletas, porque o seu mundo não era tão restricto que coubesse já n'uma patria com fronteiras.

E o caso é que o Eça, com o seu feitio *dandysta*, se desnacionalizou a litteratura portugueza, abriu implicitamente novo caminho ás orientações futuras, demonstrando que a Arte não é privilegio d'uma categoria, nem d'um reino, nem d'um povo unico, porque os Sentimentos são de toda a Humanidade. D'ahi, o que é preciso para documentar o valor da obra d'um escriptor é observal-o no seu tempo e na sua

(1) As cartas de Eça de Queiroz que esta Revista publica n'este numero, são inéditas, dirigidas ao Dr. Emygdio Garcia, e por ellas se demonstra a deslumbrancia do espirito do escriptor fallecido, filiando-se na Internacional a associação socialista que acompanhava a victoria de novas idéas nos paizes estrangeiros. Eça de Queiroz como impressionista filliou-se e d'isso se vangloriava, porque o seu espirito avido sempre de cousas novas, se por um lado procurava a belleza d'uma linha por outro resurgia entusiasmado a um grito, a um combate, pela impressão que isso lhe dava. E' interessante observar como o illustre escriptor já pensava, ha trinta annos, n'uma obra que hoje mesmo se reconhece de inadiavel utilidade.

época, e a época em que Eça de Quêiroz começou a escrever coincidiu á entrada em Portugal da democracia, aquella que se *reclamava da Revolução*, não para descer ao povo analphabeto mas para o erguer, para o ensinar, para o limpar, fazendo-lhe conhecer que elle tinha direito a andar de sobrecasaca como um burguez porque os trajos caracterisando classes começavam a provar mal. Ora, o escriptor vivendo n'esse tempo e n'um periodo de renovação litteraria teria, é certo, muitos defeitos, principalmente o das innovações que são sempre exageradas, mas teve, tambem, muitas qualidades boas.

*
* *

Foi um pensador? Foi um amoroso?

Não foi, porque era demasiado impressionista para sentir profundamente e como o preocupava sempre a linha exterior, a elle que era um physiologista e não um psychologista como lhe chamaram erradamente, ahí está o caracter ligeiro dos seus livros e por ultimo a sua ironia, que era fatal, uma vez que as linhas observadas pelos seus olhos tinham um aspecto classico e pesado, proprias d'um povo cuja educação ainda orçava, em tudo, mesmo nos mais adeantados, pelos moldes velhos, e o Eça era muito lido em subtilezas do espirito francez, em humorismos á Dickens, não podendo achar, por isso, rasoavel aquellas exterioridades. Mas isto, afinal, é o producto d'uma evolução e é logico observar tambem que o riso tem coadunado, sempre, com o meiado dos seculos em deante, quando se prova que o seculo não deu, sequer ao menos, uma minima parte do que promettera, como de facto o seculo XIX não déra, desviandó em subterfugios todos os problemas que a Revolução Franceza lhe legara para resolver.

Porém, esse mesmo riso do Eça que foi uma qualidade predominante do seu espirito foi o seu peor mal.

Esta ironia desmancha muitas vezes as scenas mais tragicas.

Porque a verdade é esta: se uma exterioridade faz rir, ás vezes dentro d'um corpo exotico ha uma bella alma que é dever não ridicularisar. No *Primo Bazilio* a cada passo a ironia vem tornar ridicula uma boa acção; no *Crime do Padre Amaro* succede o mesmo, e por esse facto, tanto uma como a outra, as duas melhores obras do escriptor fallecido, em vez de verdadeiros romances de combate tornam-se mais comedias que romances, mais farças que demolições. Tambem é que o periodo naturalista não trazia consigo definido o problema da demolição, porque não sabia ainda qual a reconstrucção requerida. Assim, o serviço dos naturalistas rindo, foi, como o de Voltaire cujo riso atroou o mundo, — abalar convicções, minar as bases do edificio para outros mais tarde o demolirem completamente. De resto, a philosophia que acompanhava o naturalismo, era a duvida. Valeria a pena demolir? Para edificar o quê?

Ainda não estavam determinadas as bases d'um novo edificio social, mas o certo é que se achava máo o existente e d'ahi, os escriptores levados por uma fé em melhores tempos futuros deitaram hombros á empreza. A democracia, por seu turno, não era o bastante, pois logo que as classes estivessem niveladas seria necessario dar-lhes orientação pratica efficaz á sua nova vida, e tudo isto que as escolas philosophicas posteriores fôram aclarando, é que que faltava ao periodo naturalista. An-

thero, como philosopho, explorou a duvida; Eça de Queiroz, como impressionista, riu.

Os *Maias*, sem ligação, sem entrecho, são talvez o trabalho em que o impressionista estava mais á vontade. Porque os *Maias* não são um romance, são uma porção de chronicas, isto é, de apontamentos, de notas muito ridiculas, muito engraçadas, que tanto podiam vir colleccionadas sob um titulo unico como debaixo de varios titulos, fragmentadas. A *Reliquia*, um tanto decalcada nas *Memorias de Judas* de Pietro della Gatina tem apenas situações comicas; O *Mandarim* é uma *bluette* extrahida da *Peau de chagrin* de Balzac, muito chistosa e muito interessante; a *Illustre Casa de Ramires* é uma *pochade* á politica portugueza das aldêas; a *Correspondencia de Fradique Mendes*, pretendendo alcançar fóros de esthetica naturalista, é a obra peor do escriptor. Por exemplo, a sua definição d'Arte é um contrasenso philosophico.

Diz elle: *a Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação*. Como se a imaginação podesse resumir a Natureza, isto é, resumir o mundo exterior tornando-o em mundo interior para, por seu turno, o lançar pela acção outra vez cá para fóra, — quer dizer, assim um systema de alcatruzes applicado á individualidade humana, pelo qual o homem seria apenas um producto das acções reflexas!

Comtudo, estas mesmas obras demonstram que o Eça foi sempre das primeiras impressões, um jornalista ou um chronista litterario, muito brilhante, muito ligeiro, sem lhe importar que as figuras do seus livros carecessem de vida psychica dado que, pelas exterioridades, elle os fazia ridiculos, ao contrario de Dickens que os ridicularisava, mas dava-lhes ao mesmo tempo uma forte vitalidade interior. Assim é que, se nos personagens de Dickens que Eça de Queiroz cita algures como seu mestre, — elle e Flaubert — as suas facecias nos despertam o riso, esse riso não implica com a alma que o auctor encarnou nos corpos extravagantes. Flaubert, esse seria mestre de Eça, simplesmente na fórma.

Tambem, porque Eça de Queiroz era demasiado impressionista, um paysagista se o quizerem, o sentimento e o amor faltam-lhe muitas vezes. As mulheres dos seus romances só conhecem os desejos carnaes, amam pela carne, vibram pela sensualidade da materia. E é lá possivel retratar fielmente uma mulher sem lhe dar vazão ao seu sentimentalismo feminil, aos seus pequeninos egoismos, aos seus raciocinios, ás suas dores espirituaes alheias das sensações do corpo? A quem analysar as figuras feminis do illustre escriptor parecer-lhe-ha, até, que elle foi um sectario d'aquella philosophia de Condillac, — a da esttua animada — quando, afinal, o seu proprio temperamento de *papillon*, de chronista todo francez, todo superficial e diamantino, é que lhe mostrava, sem mais preparos, a vida assim.

D'ahi, o Eça, como lhes disse, tinha os defeitos de innovador. Vão lá dizer aos innovadores que não exagerem!


O Ibsen querendo renovar o theatro tornou-o frio, raciocinado demais; Zola enxertou demasiadamente a Sciencia na Arte; Tolstoi repudiou em exagero a Materia; o que, no fim de contas, attrahe e é util, mas é mister ir expurgando gradualmente, para do exagero á verdade se estabelecer o justo meio. No escriptor portuguez todos esses defeitos se lhe devem perdoar pela utilidade que fez a sua obra á sociedade portugueza, porque a sacudiu; e assim a sua linguagem, vibratil e suave, foi imprescindivel para dar um estremeção á velha prosa portugueza, pegada, pastosa e ronçeirona.

*
* *

De proposito guardei as *Farpas* para ultimo logar.

Este pamphleto em que Eça de Queiroz collaborou durante os primeiros numeros são uma das melhores accções do naturalismo em Portugal. Fugindo da espectacularidade, sem pretensões a *épater* a turba dos cafés, as *Farpas* dirigiam-se a todo o publico e foram uma grande enxadada no desmoronamento do romantismo portuguez, invasor por tal modo das consciencias que esta raça, já de si piégas e contemplativa, ia fazendo bancarrota de raciocinio. Pois as *Farpas* deram um solavanco á adormecida mentalidade portugueza e como traziam nocões novas de vêr as cousas, um pouco á Proudhon, um pouco á *la diable*, o certo é que avigoraram muitos espiritos. Com a sua publicação coincidiu um resurgimento de seiva nacional, que levantou a nação, e até se os successores do Eça e de Ramalho na litteratura tivessem seguido intuitos identicos não teriam decaído hoje as Letras ao ponto de se reclamarem, não já da *Revolução e para a Revolução*, mas do *Café e para o Café*.

Fernando Reis.



Moderação!

.....

Não ha nada mais curioso, nem, simultaneamente, mais inspirador d'um rude protesto, do que é saber,—não digo *vér*, porque esses cavalheiros abstem-se cuidadosamente de apresentar as suas opiniões com a responsabilidade do seu nome,—que uma das accusações levantadas, nos conciliabulos de cúmplices e de creados de servir que nós temos affrontado no campo da chamada arte official portugueza, contra nós, que lealmente os atacamos, reside na *falta de moderação* de que, em seu entender, temos dado provas n'esses desassombrados ataques.

A phrase é flagrante; é, como elles dizem no seu calão, que nem sequer tem a abonalo o pittoresco, uma *piada bem achada*. E porque o é, a estampo n'esta pagina, visto que seria uma desgraça que com ella se não enriquecesse o repertorio de *piadas* que hoje constitue a Arte e a Critica engendradas nas mesas enodoadas dos cafés e nos recantos suspeitos dos bastidores.

Não temos moderação,—eis o caso. Não se diz: são injustos. Diz-se: não respeitam as conveniencias. E, com este criterio de João Felix Pereira, esses aprimorados e scintillantes espiritos pretendem relegar-nos á desconsideração d'um publico de burguezes, que foi sempre, afinal de contas, por uma iníntima attracção do Accacio que em todos elles reside, o publico que a sua avidez mercantil diligenciou conquistar, á força de transigencias cobardes e de despreziveis rhetoricas.

*
* *

A campanha do silencio, que melhor se deveria denominar a *defeza do silencio*, é um recurso, que seria ousadia cognominar de heroico e de

que se lança mão, para evitar discussões, em que possam entrar responsabilidades pessoaes. Esse recurso é commodo, e muito recommendado pelos medicos a todos aquelles que tenham o estomago bastante solido para engulir as mais amargas beberagens, sem que as feições se lhe vinquem n'uma só contraceão ou o coração lhes bata n'uma palpação anormal. Para isso, só é necessaria uma especial energia,—a mesma que emprega para se não denunciar, sob o severo interrogatorio d'um juiz ou ante o cadaver gelado d'uma victima, um criminoso endurecido e fiel executor dos preceitos de Avinain.

«Pozeram-te o dedo na ferida, Mestre!» O mestre encolhe os hombros, affixa no rosto livido um sorriso superior, e bebe uma chavena de café. E' quasi sempre possuidor d'uma bella vocação para operado: ninguém dirá que lhe doeu. Se o seu empenho é passar por carne morta, consegue-o,—ó triumpho! Faz de cadaver, na perfeição, a vêr se, acachapado no solo, o perigo passa sobre essa massa de carne insensivel, seguindo assim á risca o conselho util de simular a morte, que se emprega, nos campos e nas planicies, para enganar a perseguição d'um nobre animal, d'um leão ou d'um tigre, que um tiro, dado á traição, atraz d'uma sebe, não attingiu, e o estratagemá dá quasi sempre resultado porque até ás feras repugna um corpo começado a apodrecer e se recusam a acreditar na cobardia d'um homem!

Aqui, essa dissimulação chama-se: silencio; essa cobardia chama-se: silencio; essa fuga á liquidacão de responsabilidades chama-se: silencio. A penna, que foi dada á intelligencia, como uma espada foi dada a um soldado, põe se de parte, pesada de mais para a lucta. «Não se responde.» Mas é preciso um pretexto, porque não basta dizer isto: é forçoso justificar isto. Assim, o homem levanta-se, limpa-se do pó, manda dar passagens nos rasgões do fato, bebe mais uma chavena de café, e declara que se não defendeu, que se acachapou, que fugio, «porque o adversario não tinha a sua estatura.» E, ouvindo-o fallar, dir-se-hia que só um Taine ou um Zola, puxando-lhe as orelhas com luvas brancas, lhe poderia arrançar um artiguinho de cincoenta linhas.

*
* *

Que illustres pobres diabos! Como é triste desenganal-os, dizendo-lhes que o seu recurso não presta, que é uma *ficelle démodée*,—já com escassas probabilidades de exito em qualquer theatro de feira. Não, Mestres,—essas meias solas não servem. Esse pequeno plano, além d'outras fataes contingencias, tem o defeito de nem sequer ter sido inventado pelos amigos. Tem tanta originalidade como os seus dramas, como os seus livros de versos, como as suas revistas do anno, como os seus romances para as mães, para as filhas, e para as sogras, e como os seus communicados nos jornaes que se alcunham de chronicas e folhetins. E passaram sobre elle cincoenta, sessenta annos, uma eternidade!—com a aggravante de nunca ter dado resultado sério. Usaram-o sempre as litteraturas decadentes, e nem por isso deixaram de ir de corpo á terra. Porque—ó Mestres!—pode-se affectar desconhecer o nome d'um escriptor, novo ou não novo, humilde ou não humilde, talentoso ou não talentoso, mas o que se não pode enterrar sem discussão é uma idéa ou um facto, porque uma idéa é superior á humanidade em peso e um facto não se destroe nem com todos os exercitos da terra!

*
* *

Extravagante, e misero criterio, — que bõnita palavra para substituir *pretexto!* — este que os leva a affirmar ao ouvido uns dos outros, — cuidado! não haja ahi algum phonographo! — que não se deve responder áquelles que, no seu dizer de mercieiros, não tem cotação no mercado. Cotação! Mercado! — palavras que são confissões. Que misero criterio! Como se a gravidade d'uma accusação estivesse no nome que a firma, e não na sua propria natureza e na justificação que a documenta! Se o accusador d'um crime por mim commettido fôr um trapeiro, e essa accusação me levar a um tribunal, eu não me deverei defender. Como seria facil, ó intellectuaes! evitar assim o Limoeiro ou a guilhotina!

Não, Mestres! Vá lá o calão do Suisso: *não pega!*

*
* *

E, com effeito, *não pega*, ou antes *não pegou*. Elles bem o sabem. Ao primeiro ataque, seguindo as tradicções, fingiram-se mortos. «Isto passa!» Mas não passou. E não passou por uma rasão muito simples: porque elles não deixaram; porque, apesar de cahidos, de immobilizados, nos atravancaram o caminho, e ainda o continuam obstruindo. Deus não nos dotou da habilidade de *clowns*; não sabemos dar saltos mortaes. Temos que ir firmemente, mas pausadamente, continuando a nossa derrota, porque a tranquillidade é ainda uma força. E elles não deixam: são um rebanho, estirado no chão, e a dormir, ou a fingir que dorme. D'ahi a necessidade de os empurrar uma, dez, cem vezes, — com um bocadinho de violencia, confesso, visto termos mais que fazer do que estes trabalhos de remoção, — porque precisamos passar, dirigir-nos até ao nosso alvo, que não são elles, santo Deus! mas alguma cousa de tão superior a elles como um astro, como uma estrella, — porque é um Ideal!

*
* *

Eil-os, pois, que levantam a cabeça, e resmungam: *Moderação!* Faça-se esta justiça á sua intelligencia: elles já perceberam que não recuamos; que o que estamos fazendo é uma premeditação do nosso espirito; que esta lucta não foi resolvida sem *pensar*, e que a não pensamos sem a *sentir*; que havemos de ir para a frente, enquanto um só de nós permanecer de pé; que nos rimos do seu affectado desprezo, que não receamos as suas traicoeiras invectivas, e — sobretudo — que lhes não temos odio nenhum. Os odios podem extinguir-se, mas os principios não podem abdicar. Por isso levantam a cabeça, e nos pedem, apenas com mau humor: *Moderação*, isto é que os não arredemos com muita força, que não lhes magoemos a carne bem tratada e engordada com os seus triumphos burguezes. Um secretó presentimento lhes diz que vão ser arredados de vez, — mas, que diabo! isso não se poderá fazer com bons modos? *Moderação! Moderação!*

*
* *

Pois bem! Não. Por todos os motivos, que já expuz: pressa, razão, justiça, impunidade demasiada, e ainda tambem por este: porque elles tambem não foram moderados. Travando uma lucta, não em nome

de ideaes, mas em nome de interesses proprios, serviram-se de todos os meios subterraneos e escusos para vencer, como agora os empregam para se defender, e um ou outro, que se bateu á luz do dia, tambem empregou, como nós agora o fazemos, a violencia. Não! Não se empregam para grandes males meios moderados; não se trata a hypocrisia, a cobardia, a má fé, a traição, com uma moderação que seria, por seu turno, tambem hypocrita e cobarde. Eu sei, sabemos nós todos, como elles ainda hoje luctam entre si; como se esfaqueiam mutuamente, para depois áper-tarem as mãos com um sorriso que dá nauseas; como se aggridem, como se deprimem, como se infamam, como nós nunca os aggrediremos e muito menos os infamaremos, porque de sobejo nos respeitamos para o fazer,— e isto em alta voz, perante amigos e desconhecidos, appellando depois para a nossa lealdade para que não desmascaremos a deslealdade d'elles. Não! não podemos ter, não queremos ter essa moderação, que nos seus labios significa transigencia, pacto, doblez, e tanta baixeza moral e tanta miseria mental como na bocca do impressor Aslaken que, n'uma das mais vigorosas creações dramaticas de Ibsen, procurava prender, atraz das costas, os braços santos do dr. Storkman, para que elle nem n'um só gesto podesse confundir aquelles que o appellidavam de inimigo do povo que elle tanto amava!

Mayer Garção.

Realidade

.....

O POETA

Na rocha cortada a prumo sobre o mar,
o poeta scisma.

Como quem sobe ao alto d'uma torre,
Tendo a vista cansada de abranger,
Eu sinto o pensamento que percorre
Fatigado outro mundo para crer...

Os olhos tentam ler no horisonte,
Que se limita ao mar sereno e morto:
Querem ir mais alem, lançando ponte
Para alcançar assim um outro porto!

Pois não é já bastante o soffrimento
Olhando quanto existe em baixo, ao fundo?
Sobre a nossa cabeça o firmamento
E, por assim dizer,— aos pés, o mundo!

E tentamos voar seguindo um traço
Enorme na infinita vastidão,
Que nos parece curto e estreito o espaço
Onde a alma caiba e mais o coração.

Mas, se olhamos depois em baixo a vida
Presas, como a fateixa, á terra brava,
Reconhecemos que ella anda perdida,
Porque de mil paixões se faz escrava.

Impossível subir tão alto, quando
O corpo cheio de illusões mortaes
Nos mostra que, subindo, sobe o bando
Das maguas que ainda pesam muito mais.


Agarrados á terra e sempre envoltos
Na aspiração vital, eterna, infinda,
Porque havemos de ter sempre revoltos
Sonhos a que nós damos côr tão linda?!

E' melhor não subir lá tanto acima
Visto que a vida que o amor encerra,
A esp'rança, e quantos sonhos elle anima,
São as pesadas condições da terra.

Não deixar ir levada pelo vento
A nossa alma num vôo sem medida;
Ninguem deve subir no pensamento
Fóra do mundo, que é viver sem vida...

Dos *Heroes Modernos*

Affonso Gayo



Agua circassiana

.....

Queixava-se ha dias o jornal *A Vanguarda*, appellando para o jornalismo nacional, das innumeras noticias entradas todos os dias e a todas as horas nas redacções e publicadas de chapa pelos jornaes, a proposito das mais diminutas coisas e dos mais ridiculos acontecimentos, affirmando que o facto em si era um completo engano para o publico que lê e uma falta de independencia dos jornalistas que o acceitam.

A Vanguarda tem toda a razão: — é preciso conhecer-se de perto qualquer redacção e assistir-se a toda uma invasão continua de cartas, de bilhetes, que vêm das mãos dos empregarios, de editores, de commerciantes, pedindo a gloria do sr. Santa Rita ou reivindicando o nome do Xarope Nutritivo, para ficar convencido da existencia d'esse horrivel *troisième dessous* de todos os jornaes, onde se fabricam genios e se batem ferraduras de consagrados.

A Litteratura está perdida, a arte perdida, o paiz perdido; de-baixo dos nossos nomes não se sente uma grande obra, não ha um acontecimento grande — os cerebros fizeram bancarrota, os braços não se erguem já.

Quem é um homem em Portugal? O sr. Hintze que é um mediocre!

Quem é um grande actor em Portugal? O sr. Brazão, cara de pau, sem um gesto!

O sr. Dantas é um dramaturgo, o sr. Lopes de Mendonça, um poeta; e quem nos convence d'isto? O jornal.

Para isso, lá estão; abaixo de tudo, os taes homens escrevendo ás escondidas para nós lermos amanhã — os empregarios que nos dão bilhetes, os editores que nos dão livros — o terrivel subterraneo communicado com todos os jornaes, e é por meio d'elle, até, que se póde dizer que Navarro, um corrupto, aperta a mão ao jornalista mais honesto.

* *

Ninguém poderia certamente prohibir qualquer editor de publicar os seus réclames, nem nenhuma outra pessoa de emitir a sua opinião em qualquer parte, mas lá estão os annuncios para os primeiros, e os segundos que ponham os seus nomes por baixo de todas as suas idéas.

Os fadistas gostam da *Severa*, o *Calcinhas* admira o sr. Julio Dantas; pois bem, faça um artigo, publique-o em qualquer jornal que lh'o queira acceitar—mas ponha em baixo: *Calcinhas*. O sr. Santos Tavares está, por exemplo, convencido que o sr. Visconde de Sanches de Frias é o maior poeta portuguez de bigode e pera? Pois escreva-o e assigne-o para se ficar sabendo em toda a parte que é o *Calcinhas*, e que é o sr. Santos Tavares que o dizem.

O que não se pode admittir, pelo menos sem um grande protesto da parte de todos nós, é essa matilha de mercieiros que anda collaborando, ha tempos, nos jornaes—todos os dias com bilhetinhos, a todas as horas com réclames—enchendo de banha os nossos artigos e deitando cebo nas nossas idéas. Devia ser dissolvida essa firma commercial que corre nos jornaes, e ir abaixo o balcão onde todos nós temos o ar de quem vende sentimentos a peso.


A Imprensa é um factor da civilisação; é o meio mais seguro de transmittirmos as nossas idéas e espalharmos a nossa bondade. O povo não lê os livros, mas lê o jornal todos os dias. Um jornal corre todas as cidades, todas as aldeias, entra em todas as casas; e pode-se dizer que nunca envelhece porque é sempre util, quer no dia em que se lê e nos traz uma idéa, quer no dia em que se embrulhe com elle um par de botas.

Pois é isto que, em Portugal, está sendo escripto por tendeiros!

Em primeiro lugar, é tão ridiculo como um coche real puxado a burros, mas em segundo, tambem é revoltante, porque nos desarma a todos nós que escrevemos, e engana a todos que nos lêem.

A *Vanguarda* appella para os jornalistas portuguezes. Pois reu-nam os jornalistas e acabe-se com isto! Devemos concordar ser muito triste que, emquanto lá fóra se lucta, se trabalha e se vive, emquanto o Pensamento procura a sua forma, a Imprensa, que devia ser o instrumento de tudo isso, chegasse em Portugal apenas a esta conclusão:—que a agua circassiana é a melhor tintura para o cabello!

Nunes Claro.



A Exposição

I

Antes de principiar, um caso para elucidação.

Contava o João de Deus:

Visitava-lhe a casa um alemtejano, a quem elle mostrava as suas poesias. Ouvia-o o homem, pasmado n'uma admiracão vaga, absorvido nas idealisações do poeta, levado por aquella voz doce e pausada que elle compararia, de certo, no seu intimo, ao fallar do Christo.

A CARICATURA

O PINTOR ANTONIO RAMALHO



Desenho de **Arnaldo Ressano**

Quando o poeta lhe pedia a opinião, o homem esfregava as mãos e, n'um contentamento íntimo, rosnavava:

— Bôa pinga, sr. João... Bôa pinga.

E esta phrase critica e emocional satisfazia o poeta, como talvez não o fizessem as phrases criticas de grandes vultos.

Mas o alemtejano tinha tambem uma formula reprovativa:

— Zurrapa, zurrapa, sr. João...

O homem, no desconhecimento absoluto das fórmulas criticas, da technica do verso, dava francamente a nota emocional e a sentimentalidade irmã que o poeta fazia vibrar.

Para elle, um bebado, na homologia das sensações um bom verso era sempre uma bôa pinga.

Inconscientemente tinha criterio, pois a parte mais criticavel n'um quadro é aquelle que produz a emoção — a parte impressionante.

Os golpes fundos lançados ao classicismo (*le dessin est la probité de l'art*) deveu-os elle principalmente á interpretação hieratica de todos os sentimentos, desaparecendo a nota emocional na minucia do desenho e na falsa interpretação do typo moderno.

O Romantismo foi uma reacção, mas logo cahiu no exaggero: pintura de pequenas paixões romanticas que o transviaram.

E' n'estas ideias que baseamos as ligeiras notas criticas — se este nome lhes convem — que vamos esboçar, procurando o mais possivel fugir á tendencia meridional de maldizer pessoalmente e de anotar ironicamente uma obra. Está tão radicado entre nós o insulto na critica, que o proprio elogio é sempre uma facada.

E' vulgar isto: «o malandro tem talento». O *malandro* é substituido por coisa peor, consoante a dureza d'argumentação do elogiador.

E, posto isto como prelude, entremos no assumpto.

O RETRATO

Nota-se, a um golpe de vista, a fuga de todos os pintores para o *retrato*, symptoma forte d'um meio apathico, decadente, d'este decadentismo-sorna, sem exuberancia de vicios e desvarios que treslouquem a imaginação.

O retrato, considerado producto inferior, já na Inglaterra no seculo XVII, attingia uma forma d'arte definida.

Não foi esta reforma espontanea: era a necessidade de fugir ás difficuldades da composição e da acceitação n'um meio por então pueril, desejando e vendo só a arte como meio para fixar os vultos frageis das *ladies* da aristocracia.

Tanto mais que estes retratos apresentam um principio de composição; um certo conjuncto, que dá a nota elucidativa de que o auctor não se resumiu a fazer um retrato, mas a idear um quadro.

Hoje a distincção entre um quadro e um retrato é profunda.

Pelo estudo do contraste, o retrato resalta — n'um acabamento perfeito — d'um fundo em manchas, scenographico, que não distrae a retina, mas conduz á admiración da figura.

O retrato, entre nós, como na Inglaterra com Gainsborough e na França com Carolus Duran, é uma forma d'arte incontestada.

Malhòa é um mestre, e para nós mestre querido, pelo saber profundo e pela comprehensão dos nossos typos.

Entre outros retratos soberbos, avulta o da sr.^a condessa de

Mossamedes. E vejam lá: é tão benéfica a acção d'uma obra boa que se sente uma sympathia extranha por essa senhora, tão bem lançada na tela.

E já que alguma coisa dissemos de psychologia íntima, pedimos de joelhos ao sr. Jorge Collaço seja servido mandar-nos tirar da vista as suas coloridas telas. Sentimo-nos criminosos ao olhar aquelle ceo ensanguentado.

Ramalho, como é um mestre, curvamo-nos; mas pedimos venia para uma observação.

Ou o *Ferreira da Silva* se cherubinou n'algum esmaltador parisiense ou o artista, pela preguiça que o caracteriza, não estudou o modelo, e com a mesma palheta que fez a carnção da graciosa creança do n.º 109 brochou a cara do *Ferreira da Silva*.

Em todos os seus retratos resalta esta nota — a preguiça.

Todos elles, feitos com saber e de uma bella concepção, são desleixados na factura.

Não procura novos processos; resume-se aos que já tem. D'ahi resulta, por exemplo, um *Ferreira da Silva* ameninado. Exacto de parecença, flagrante de *pose*, é inverosímil no colorido.

Este retrato, traçado a mão larga na absoluta comprehensão d'um methodo, esfuma-se por de traz d'uma poeira subtil. E eu estou a ver a razão n'aquellas côres esfarinhadas e na tapeçaria de trama esbranquiçada; talvez mesmo pela côr do fundo e da figura, no effeito semelhante ao do azul e encarnado.

A mancha do *rei*, assignada Salgado, é surprehendente.

O *Julio Caggiani* de Sobral Fernandes (Constantino Alvaro) é um retrato de qualidade, onde o auctor soube attenuar aquelles seus tons seccos, talvez por um estudo mais profundo da combinação da côr.

A mão direita é incontestavelmente uma boa mão.

O braço esquerdo, que já alguém criticou, está natural porque é aquella uma posição familiar do retratado.

O sr. Sobral Fernandes sabe e pode fazer melhor, se estudar a harmonia da côr e tiver força para dar mais alma ás suas obras, boas de execução, mas falhas de sentimento.

E vá lá no final, para rirmos:

O n.º 1: *Retrato do meu marido*, respeitamo-lo se o marido o respeita.

A ESCULPTURA

COSTA CARNEIRO



Busto por

Costa Motta (sobrinho)

Segundo me disse um homem d'espírito, o retrato vai conduzir o marido á separação de pessoa... e retrato. Pensando talvez: «para mostrengo basta eu só».

Em retrato nada mais ha de notavel, a não repararmos n'uma tentativa d'imitação de processo, infeliz e de colorido podre.

A ESCULPTURA

Almeida, sobrinho (José Simões d')— Prova em gesso d'uma medalha. Bem modelada, com alma, n'uma exacta comprehensão do claro escuro. Esta medalha representa alguma coisa, n'um meio como o nosso, onde nada d'isto se faz com geito.

D'uma modelagem leve, bem tocada, lembra as *planchettes* d'aquelle Charpentier, que era o mestre do relevo.

Costa Motta (Antonio Augusto da) apresenta um busto de creança. O sobrinho dá-nos um *Costa Carneiro* de vigoroso modelado, plasticamente exacto e flagrantemente psychologico.

Apresenta ainda um busto de *Guedes Teixeira*. A cara castigada do poeta, a linha descahida dos hombros, e a magreza de torturado,— tudo é bem visto e bem sentido n'aquelle gesso.

N'um riso aberto de fauno, um busto suggestiona-nos o riso. E' o de *Antonio do Couto*.

Desgraçadamente, sobre esculptura nada mais.

A CARICATURA

Longe vão já as luctas dos caricaturistas francezes para expôrem no *Salon*, e as formidaveis replicas suggeridas pelas exposições retrospectivas de Gavarni e Daumier. Nós, afastados d'esse movimento, não precisamos de discutir o valor d'um bom lapis que silhoete com alma a figura d'um grotesco e vá, aferroadas d'ironia, lançando proeminencias á troça das multidões.

Como andamos sempre atrasados, quando chegámos já estava tudo feito.

Um olhar que passeia sobre a turba e fixa, na fugaz visão d'um instante, o grotesco, e o retém pela crayonagem n'uma formula artistica, alguma coisa tem de superior a que é necessario attender.

Como em todas as artes, a caricatura tem dois grupos que correspondem a periodos de desenvolvimento: o grotesco pessoal e o impersonal. Como arte, o segundo sobreleva ao primeiro. Investigar n'um individuo a linha caricatural é muito; mas desvendar o grotesco n'uma sociedade é muito mais. A caricatura só é grande quando sobe á generalisação. Assim, «na litteratura, dizia Gavarni, Molière não descreve o avaro; generalisa, e dá-nos a *Avareza*».

E' n'esta idéa que elle realisa as lithographias que se intitulam: *Physionomies de la population de Paris*.

Por uma tendencia natural do meridional, a caricatura, entre nós, tem-se cingido a individuos. E é assim que, de quatro expositores, nenhum apresenta coisa que saia do individual.

N'este campo, o Ressano, filiado na escola Léandre, é admiravel. O *Ramalho* é positivamente aquillo.

A pose do sr. *conde de Ficalho* é admiravel, a factura esplendida.

O sr. Teixeira tem boas caricaturas.

Diante das obras de Jorge Collaço, caricaturas como quadros, esfregamos as mãos e:

— Zurrapa, sr. João... Zurrapa!

Alvaro de Castro.

O matadouro da Avenida

.....

ENTRE as coisas ignobeis d'este mundo, tem logar importante os theatros de saltimbancos. Todos conhecem essa miseria: um longo barração de madeira e farrapos.

Lá dentro, os bancos de pau tôsko estão cravados na terra; e, quando á luz sinistra dos candeios de petroleo se ergue o panno, uma grande algarraza de gosto e riso percorre o selvagem auditorio composto, especialmente, de fadistões e marujos. Então, faz dó e mette nôjo vêr as *actriizes* com lama nas saias esfrangalhadas e os *actores* de collarinhos de cartão, rôtos e encardidos como esfregões.

Mas cresce a compaixão quando apparecem as creanças magrinhas, de fundas olheiras cavadas na face exangue que veem cantar, dançar ou fazer *gymnastica*, ao som triste d'uma corneta e d'um tambor.

Se não conseguem ser *perfeitas* nos exercicios, um *athleta* esmoado e tuberculoso obriga-as a repetirem as cabriolas, varando-as com um olhar de maldade e estupidez, onde vae a promessa de proximas torturas. Feita a piruêta, a marujada esbandalha-se a rir estrondosamente, e o espectador civilisado que, por acaso, lá entrou, sente nos olhos sinceras lagrimas de compaixão e de cólera.

Entretanto, á porta, passeando regalado, ha um homem — da troupe o unico anafado e gôrdo — de largo chapéu sobre a trunfa coberta de caspa, envolto em grosso casaco, mettido o carão hediondo n'um *cache-nez* sebento, charuto encravado nos dentes pôdres, — é o empresario; porque o fim unico de taes companhias é a rapida engôrda do empresario explorador.

Tudo o que fica dito é velho e sabido; vem em romances e dramas e a opinião da gente limpa sobre tal assumpto, resume-se n'uma phrase:

— Isto é infame!

*
* *

Ora, em plena Avenida da Liberdade, no rez-do-chão d'um predio grande, trabalhou-se, com afan, durante mezes, na montagem d'um theatrinho; diz-se que lá dentro as paredes estão cobertas por largos espelhos, ha decorações ricas, scenarios ricos, mobiliario rico, ricas tapeçarias, tudo ricamente illuminado a lampadas electricas; e, cá fóra, vê-se, perfeitamente, uma larga porta toda sarapintada, em estylo catita, porque havia de por ali passar a *Arte Dramatica*!

E' certo que em vão se buscariam, de portas a dentro, as taes actrizes de saia enxovalhada e os mencionados actores de fraque derrabado; mas, as creancinhas lá estão, barbaramente exploradas por um empregarario impudente. Certo é, tambem, que essas creanças vestem melhor que as de qualquer feira; a nenhum theatro de saltimbancos se póde comparar o da Avenida. Mas, todo esse luxo não serve senão para deslumbrar os ingenuos e os imbecis, porque as creanças trabalham como as da feira, hão-de arrazar-se-lhes os pulmões, indo engrossar as estatisticas dos tuberculosos e á custa d'ellas ha-de, unicamente, medrar um empregarario egoista e mandrião, como todos os empregararios dos theatros de feiras.

Depois, sob o ponto de vista recreativo, é uma estopada; as creanças nunca tiveram graça pelo que se lhes ensina, mas pelo que expontaneamente dizem; de modo que lembram simples fantoches com gesticular de gente e quasi tão inconscientes como os mesmos fantoches.

Portanto, todos os rasgados elogios que se têm feito a semelhante indecôro, unicamente despertam a vontade de rir, e é o que nós fazemos; porque a sã, estrepitosa gargalhada, explodindo sobre a face do Ridiculo e da Estupidez, por mais fortes que sejam, tem o poder da dynamite que abála, esborôa e faz em estilhas as rochas mais seguras.

E' por se consentirem tantissimos analogos disparates como, por exemplo, a existencia de indecentes collegios, sem ar nem luz, nem professores competentes, no Bairro Alto e na Mouraria, que esta nossa terra de Portugal, — vetusto e venerando berço do fado batido, da calça a bôcca de sino e da muito apreciada limonada de cavallinho, — ao lado dos vastos, fecundos centros de alta civilisação, tenaz e firmemente se tem conservado, no rolar dos tempos, este pittoresco, buliçoso viveiro de bôccos sentimentaes.

Como os innumerados atrazos das classes inferiores, derivam, é claro, da falta de instrucção, o que se deve fazer não são theatros de tal ordem nem semelhantes inutilidades, mas sim levantar Escolas, em cujo seio florescem as Artes e as Industrias, essas collossaes estradas de luz onde o homem encontra, no trabalho honrado, toda a claridade de que necessita o seu espirito e toda a fôrça de que precisa o seu corpo. Então, a esse homem bem orientado na vida, nasce logo o desejo de constituir um lar, de procurar, para companhia, uma santa mulher de cujo ventre fecundo brotem os filhos robustos, e logo virá a clara comprehensão de os guiar no caminho luminoso de todo o Bem; porque a Alma, no seu desenvolvimento, segundo o meio e a educação, tanto póde resvalar para a obtusidade e servilismo d'um bôbo, como póde attingir o brilho e a independencia d'um astro.

E, aos senhores ricos, a quem se torna facilimo administrar aos filhos uma solida educação, não inculcamos o theatro como salutar e util divertimento.

Para elles o que melhor convém são os exercicios ao ar livre, sob os arvorêdos d'um parque, jogando com péllas e arcos, em grandes correrias que desenvolvem o musculo, ou nas praias, rolando-se pela areia, descalços de pé e perna, com agua salgada até ao joelho, edificando torres e castellos, batalhando de parte a parte em tremendas guerras infantis, jogando o sôcco inoffensivo que enrija o pulso; e, tudo isto, entre o arôma acre da onda e o ar sadio que vem do mar.

Para a petizada, tem de sóbra, uma ou duas vezes por anno, algum spectaculo no Colyseu, e isso de dia, porque, á noite, quando as

aves escondem a cabeça na aza e cessam de cantar, também as creanças devem dormir.

De resto, ao tal divertimento, estamos certos que unicamente vão os *Eusebiosinhos* lymphaticos das lymphaticas madamas a quem os exercicios de sã gymnastica no Circo fazem voltar o rosto enjoado, com um fino arrepio de assombro e mêdo desde a nuca até ás nádegas.

Se o *Theatro do Infante* apparecesse na epocha remota e candidamente ingenua do Passeio Publico, vá; mas hoje que, apesar de tudo, já entre nós, vae apparecendo gente culta que estuda e pensa nos profundos problemas sociaes; que, sob a protecção da sr.^a D. Amelia, se formou uma Liga contra a Tuberculose, em que o benemerito Dr. Bombarda tem mostrado, em minuciosas estatisticas, a quantidade assustadora de menores que morrem tysicos; quando o jornalismo utilitario combate pelo Progresso, e não deixaremos de citar um jornalista, o sr. Silva Pinto, que proficientemente dirige um estabelecimento onde se tornam sociaveis e uteis seres infelicitados pela ordem social;— o facto de existir um matadouro para creanças, indecorosamente erguido no centro da capital, é a negação completa, vergonhosa, de todo o Bem para que se tenta caminhar.

*
* *

Ora, se ao cabo da sua idéa detestavel, o homensinho barbaro que inventou tudo aquillo, nos dissesse (mas de chapéu na mão):

— Querem fazer o favor de me dar um parecer sobre o theatrinho, agora que está acabado de fazer?

nós responderiamos:

— Está acabado de fazer?... Então comece a desmancha-lo! E vossemecê, creaturinha de Deus, se precisa ganhar a vida, e lhe faltam melhores recursos, agarre n'uma enxada e vá cavar... Mas, como naturalmente isso é um exercicio um tanto violento para quem só está habituado a vêr trabalhar os outros, propomos um alvitre mais commodo: aprender, mas a fundo, a delicadissima arte de Godefroy, e logo que se pilhar capaz de fazer caracoés, é pôr, á cabeça, a malla dos utensilios e abalar para o sertão a pentear os collegas...

E, para os pobresinhos, a quem estão embrutecendo, matando e explorando assim como para todos os desgraçados, pediríamos — a quem quer que compéte — que os mandassem aprender a lêr e escrevêr, não esquecendo, também, qualquer officio, modesto que fôsse, de modo a torna-los sinceros, bons e uteis na sociedade, para, em vez de serem obrigados a decorar baboseiras, lhes entrar luz nos cerebros embrutecidos, afim de poderem vir a trabalhar e a pensar, com consciencia do que fazem, na estrada larga, inundada de sol e alegria, d'uma vida nova, fecunda e humana.

Francisco Carneiro.



Augusto Santo

.....

(ESTUDO PSYCHO-ESTHETICO)

II

Na psychologia do talento a hereditariedade é sem duvida o primordial factor.

Mas o que é a hereditariedade? Ainda não ha muito que um illustre professor, eivado dos exaggeros organicistas, a definia um *mytho*. Um *mytho* na verdade, se por esta expressão quizermos significar a concepção d'uma lei natural. Porque os deuses não são mais do que a projecção anthropomorphica d'um concepto, d'um encadeado de phenomenos cujo processo intimo nos escapa.

O *mytho* foi substituido pelas leis naturaes. A Resurreição no cristianismo não anda ligada ao começar da primavera por uma simples coincidencia; mas sim porque a Vida obedece a essa lei.

A hereditariedade é um facto, é uma lei da Natureza.

Mas porque essa lei é obscura, porque não podemos seguir-lhe a evolução passo a passo, porque, em suma, a essencia do phenomeno escapa aos nossos meios de investigação — seguir-se-á que a hereditariedade seja um *mytho*, na significação de cousa que só existe na nossa mente e que de modo nenhum se verifica na Natureza? Não me parece. Negal-o seria negar a luz ao sol, seria não ouvir a voz dos proprios factos.

Hoje que o espirito generalizador penetrou na sciencia e que a bio-mecanica veio interpretar d'um modo sadio e criterioso os phenomenos da Vida, barrejando para fóra do campo todos os erros anthropomorphicos e teleologicos e derruindo os ultimos reductos que a theoria preformista ainda tinha nos castellos espantosamente dedalosos da concepção de Wissman — hoje é possivel que a hereditariedade, *esse mysterio dos mysterios*, venha a ser luminosamente interpretado. O caminho está aberto, graças a Wilhelm, Roux e Delage. A cohorte vai engrossando como uma avalanche.

Ultimamente Le Dantec limitava com nitidez a questão, definindo a hereditariedade d'um modo lucido e conciso: *o conjuncto de propriedades chemicas do ovo*.

Ainda aqui se esbarra com a interrogação muda: como — já que o *porque* das cousas nos escapa da mente como uma sombra das mãos — como é que uma symbiose de substancias, correspondendo a uma estructura definida, pode ser a synthese de qualidades tão diferenciadas como é a Vida? Como é que uma tão pequena parcella de substancia viva pode condensar toda essa maravilha de complexidade que se chama uma Alma, quer ella pertença a um imbecil, a um criminoso ou a um genio? Eis o difficil, mas não o impossivel, creio bem.

Insisto n'esta questão mais da biologia do que da psychologia, porque no caso presente trata-se d'uma entidade, onde a sombra se adensa d'uma maneira bem extranha.

De facto, Augusto Santo é um talento, cuja genese a hereditarie-

dade não parece explicar, pois que não tem na família factores que permitam derivarmos immediatamente ao que elle é — ou tem-n'os, mas de tal modo latentes, que a difficuldade agrava-se.

Algum traço apparece, mas tão apagado que o espirito que deixa investigar seguro, vacilla em apoderar-se d'elle como documento efficiente da sua modalidade animica.

Um dia elle fallou-me, mas d'um modo incerto e vago, na existencia longiqua de loucos na familia.

Talvez o facto da mãe ser eminentemente supersticiosa, obsecadamente supersticiosa... Mas não será essa superstição, essa crença na cabalista grosseira das feiticeiras aldeans, antes uma derivada da educação fatalista do nosso povo? De resto, como Augusto Santo nada tem de crendeiro, isto não serviria senão para explicar um herança de temperamento morbido.

Filho do povo, plebeu até ao sabugo, como esses plebeus collossaes que d'onde a onde emergem, sem que ninguem descubra o impulso que os fez afflorar, nem elles mesmos, ignorando com altiva serenidade a sua arvore geneologica, despresando isso, conscios do proprio valor, e apregoando com justo orgulho que os seus antepassados são elles mesmos — elle nunca se preocupou em buscar na familia factores da sua existencia. De resto, que o quizesse fazer, ser-lhe-ia isso impossivel: as tradições geneologicas do povo simples e ignorante não ultrapassam um bisavô, um trisavô quando muito.

Não é, porém, este um caso sporadico no genero dos grandes homens. Pelo contrario: a Natureza parece caprichar em entenebrece a origem d'esses monstros de mentalidade que partureja de longe em longe, como se n'um impeto de consciencia quizesse conclamar á humanidade: — eis ali uma montanha! a mãe d'ella, a unica mãe d'ella sou eu!

«O talento é imprevisito, aliás não o seria» — diz Taine. E quem sabe? N'um campo strictamente scientifico, Maudsley não receava proclamar o genio como o symbolo da mentalidade d'algumas gerações — o que implicaria que o genio abrange n'um supremo olhar d'aguia um horizonte, que só um deus olympico abrangeria, e que não poderia ser comprehendido em toda a latitude pelos homens do seu tempo. Em geral assim acontece, mas não em absoluto. O philoneismo é uma modalidade social unicamente existindo n'um restricto numero de individuos, mas existindo. O vulgo não comprehende de facto. Seria precisa uma educação capaz de o fazer vibrar em harmonia com o sentir do artista, ter uma alma apta a perceber uma concepção genial.

Mas exigir isso ás multidoens ignaras, fluctuando como blocos erraticos á mercê d'uma corrente, seria demandar ás rochas que adorassem o sol que as beija. Não quero significar que deve haver uma aristocracia esthetica. Não. Isso seria proclamar uma aristocracia scientifica, claramente.

A Arte deve ser humana e é-o sem duvida; o que não implica necessariamente que a Arte deva descer ás multidoens. Estas é que devem fazer a ascensão á Arte, como, bem entendido, a todas as culminancias da vida intellectiva. E ahi reside, a meu ver, o grande problema social da educação.

De resto, por mais simples que a Arte seja, jámais o será de modo tal a tornar-se inteiramente comprehendida pelas massas não educadas. E d'este modo poderia ser nefasta por desvio de interpretação.

O meio portuguez por esse lado é mau, educativamente viciado



— o que concorreu para affusar mais e mais o pessimismo de que soffre o escultor.

Esse pessimismo, porém, deriva-lhe na quasi totalidade d'um temperamento essencialmente doentio. E' que Augusto Santo é um paranoico com lampejos de delirio ambicioso, um *que* de sombrio que o denuncia um perseguido, e que o torna esquivo e irascivel, antipathico mesmo. Sómente a megalomania n'elle reveste um caracter typico, especifico da sua Arte, uma como que obsessão de attingir a summa perfeição na Estatuaria.

Começando por ser um antocontemplativo cheio de serenidade, obsediado pelo que a mente lhe construia, ultimamente exacerbado pelos azedumes da vida, essa fé quieta fermentou e attingiu um periodo agudo, febril — a sua forma expansiva

Aqui principiou a guerra movida contra elle. Vivendo só d'aquillo que a alma lhe creava, absorvido nos proprios sonhos, mergulhado em porfiada abstracção, vivendo a propria vida, essa vida que elle fazia desenrollar deante de si, n'uma evocação hypnotica, hallucinada — cercava-se d'uma atmospheria de silencio, submergia-se, relegava tudo o que viesse perturbar-lhe o meditar concentrado. A mediocridade não perdou a indiferença com que elle a olhava, e irrompeu a esfuziar-lhe coices ás chusmas.

E assim foi germinando n'elle esse estado de perseguido que lhe ia incarnicando mais vivamente a febre das granduzas.

Desde então a sua situação foi-se agravando, de modo que hoje a chaga sangra dolorosamente, a enfermidade recrudesce e esse homem vai-se tornando cada vez mais sosinho, mais misanthropo e mais antipathico e odiado pelas trivialidades que enxameam n'esta terra que vai apodrecendo na propria sujidade moral e no esterco d'uma virtude infectada de bolor.

A infancia correria-lhe repouzada, assomando apenas d'onde a onde o esboço indeciso d'um syndroma de nevrose vesanica: a pyromania, mas benigna.

A sua bizarreria morbida esbarrondava em jubilos ao ver uma mêda afogada por linguas de labaredas. Mas esse prodromo apagou-se de vez e hoje elle é quasi unicamente um depressivo, se exceptuarmos esses momentos — raros — em que elle se incendeia d'um fogo interior, a physionomia se lhe transfigura, e avulta illuminada por um extranho clarão de genio.

A modalidade psychica dos primeiros annos da sua mocidade transmittiu-nol-a elle com uma sinceridade doente n'esse pedaço de brônze — *Ismael* — do qual pode dizer-se que é simultaneamente um fragmento de autobiographia, um documento psychologico como raramente artistas tem deixado de si,

E' essa uma obra d'arte onde a concepção falha e onde a alma do artista se concretisa, com uma pujança de verdade só attingida pelos primitivos. E o que a extrema da Arte ingenua dos ante-raphaelitas é por certo a perfeição technica, o processo moderno de modelar: é a distancia d'alguns seculos.

De resto é essa a qualidade suprema de Augusto Santo: — pensar, sentir e plasmar harmonicamente, de modo a atear ao barro esse fogo sagrado da vida, tal como o deus da lenda biblica.

Para o psychologo, essa obra tem a precisão e a justeza d'um graphico.

A psychose parece ser o *facies* dos homens de genio. O que não quer significar que todos os psychopathas sejam individuos superiores. Não. A característica diferenciativa só á posteriori poderá ser determinada. Lombroso dizia de Edison:— é um genio na fronteira do crime. Porque, isto? Porque Edison é um genio e porque tem os stigmas que o poderiam fazer um criminoso... — e nada mais.

Haverá parentesco entre o louco, o criminoso e o genio? Ha. Haverá diferenças nitidas? Mas evidentemente. Quaes? — O crime de um, o radotage d'outro, a obra immensa do outro. E eis tudo o que se sabe de positivo. O resto são divagaçoens inseguras como hypotheses.

O genio é um desequilibrio mental: a hyperfunção d'um dado centro psychico em detrimento d'outros. Uma faculdade parece attingir o fastigio da sua intensidade, apequenando as outras, lançando-as na penumbra.

Estas como que se condensam para se formarem a grandeza d'aquella. No espirito, parelhamente ao que se dá no corpo com a lei da compensação organica, effectua-se uma lei de compensação animica. O genio perfeitamente equilibrado, é uma aberração, um impossivel, um ser collocado fóra das leis naturaes a que todas os seres obedecem: não se concebe: não existe.

Manuel Laranjeira.

A uma mulher casada

Tu que já tens um lar, tu que já tens um ninho
Onde vês florescer as tuas affeições,
E que tens a cercar-te o adorável carinho
—Porque és Esposa e Mãe— de muitos corações,

Foge d'um mundo aonde vejo só vaidade,
Onde vaes p'ra mostrar, nas roupagens de seda,
O teu corpo que chama a sensualidade
—Essa inutil, p'rigosa e ardente labareda!

E tentas o desejo adormecido, tentas
As carícias febris, n'um sonho luxurioso,
E a tua voz possúe as notas somnolentas
De quem pede á Volupia o innenarravel goso.

O teu vestido tem insidósas pregas
Em que pára o olhar da gente que te vê,
E gostas de sonhar adulterios piegas
Hallucinada p'los romances de Bourget!

E não amas ninguem: — a tua Vida passa
Monótona e banal, ociosa e vazia;
—Sem um riso maior e sem maior desgraça,
E' sempre a mesma noite e sempre o mesmo dia...

Os beijos que tu dás a esse homem que escolheste
 Para teu companheiro agonizam: — não são
 Beijos sinceros como os beijos que tu deste
 N'uma primeira ancia indócil de paixão...

Foi d'elles, d'elles só, que os filhos te nasceram
 — Os teus filhos que tu, apesar de tão futil,
 Adoras; mas dos quaes teus olhos se esqueceram
 Dêse que te deslumbra um mundo vão e inutil.

O seu choro infantil (nunca os ouves chorar)
 Perde-se entre o rugir dos caros brocadilhos;
 Nunca pensaste na maneira de os amar,
 E talvez nem sequer te lembres que tens filhos!

E se n'esse abandono um dia te morrerem?
 Se na volta da festa, alegre e descuidada,
 Os teus sorrisos de repente esmorecerem
 Porque a Morte subira, altiva, a tua escada?

Então conhecerás todo o teu erro, vendo
 A mentira mortal d'uma existencia inteira;
 N'essa hora suprema e ao seu clarão tremendo
 Verás, d'olhos em choro, a vida verdadeira...

E pela viuvez da casa enorme, nua
 Como as roseiras cujas rosas feneceram,
 Olharás o Passado — a longa e negra rua
 Onde os teus passos, hesitantes, se perderam.

Olharás o Passado e haverá para ti
 O maior sofrimento ao comprehenderes bem
 Que a maior alegria era viver ali
 Uma vida completa e amorosa de Mãe.

Nem terás no teu ventre o amôr a germinar:
 — Os beijos que tu dás, de frios e indiffrentes,
 Já não são fortes e leaes p'ra fecundar
 — Que, se houve em ti desejo, agora não o sentes.

O teu mal ha-de ser um mal sem fim; o teu
 Remorso ha-de seguir-te; e nunca mais, Senhor!
 Para ti haverá estrellas no alto Céu.
 Para ti haverá um Sol que dê calor!...

Mas até esse tempo (eu sei que não me ouviste)
 Não deixarás de ser a mesma leviana,
 Passando a rir n'uma existencia má e triste
 Em que nem a mentira é corajosa e humana!

Coimbra, 1900.

João de Barros.

.....

A compra d'um quadro

.....

A CABO de lér, nos jornaes de Lisboa, a noticia de que vae ser adquirido pelo governo um dos quadros que o sr. Arthur Prat recentemente expoz; e representa este facto um tão desastroso escandalo que causa dolorosa surpresa o apparecimento de tal noticia na imprensa periodica da nossa capital, sem o mais insignificante commentario.

*
* *

O Museu Nacional de Bellas Artes offerece ao publico ávido de educação a mais copiosa e rica documentação de arte medieval. Bellos quadros gothicos ha alli a attestar um capital estadio da pintura, e a reminiscencia de diversas escolas 'é, ainda que deficiente, de quando a quando illuminada por verdadeiras obras-primas.

E' assim que a Luinello, o celebre discipulo de Leonardo de Vinci, cabe nas Janellas Verdes representação; que a escola flamenga se evidencia com tres legitimos Teniers, e que Holbein e Hispanoletto, para só falar do que mais avulta, nos mostram no seu apogêo, respectivamente, as escolas hispanica e allemã.

Mas aquellas salas offerecem aos raros visitantes uma impressão de frieza tumular. Ainda ninguem conseguiu arrancar do seu segredo sepulchral o coração de tantos artistas apaixonados que palpita em telas primorosas; ainda ninguem, conscio de tantas riquezas mortas, teve a generosidade de abrir uma frincha de luz áquelle mundo ignorado.

O sabio patriotismo, esse que não demarcando fronteiras e não admitindo odios de raça, fez profissão de fé da grande patria da belleza e da verdade, deveria já ter ido desenterrar essas reliquias santas, para que todos as vissem á luz do dia; e comtudo o maior artista portuguez, quasi um contemporaneo, lá tem a sua grandiosa obra encerrada no Museu, sem inspirar a ninguem uma phrase sincera de commoção.

Quem sabe ahí d'entre vós, ó esthetas perversores, o nome de Domingos Antonio de Sequeira?

*
* *

Por mais que o Gremio Artístico e a Academia de Bellas Artes tenham instado com o governo para a aquisição de algumas paysagens de Silva Porto, baldado foi esse esforço até hoje.

Por ocasião do leilão Lupi, quando a familia do grande artista tinha promettido ao Estado a cedencia da téla *Os negros* pela insignificante quantia de noventa mil réis, foi-lhe respondido por qualquer ministro que *um paiç para nada precisava de quadros*,

Hoje que Sousa Pinto foi recebido no Luxemburgo, e os principaes museus estrangeiros se honram com obras suas, nós não possuímos uma unica, como de José Malhõa, recentemente premiado em Madrid, ou de Columbano Bordallo Pinheiro, as não ha tambem em nenhum museu portuguez.

E quando o historiador de amanhã, lançando um olhar á arte da nossa epocha, vir no lugar d'honra o quadro do sr. Prat — um amator que ninguem conhece — que vae ser adquirido por quinhentos mil réis, que sentimento de compaixão não lhe surgirá no espirito, por este pobre

paiz inhospito e selvagem, aonde vinga sómente a despotica estupidez dos gnaros mandões!

*
* *
*

Está minuciosamente certo. Nós temos em Portugal artistas que dão gloria á sua Arte. Se pela Arte se devem aferir, n'um determinado momento historico, os coefferentes da civilisação dos povos, é a elles que compete documentar o actual momento. Lupi, Silva Porto, Columbano, Sousa Pinto, José Malhõa, são preteridos em Portugal pelo senhor Arthur Prat, cujos quadros um jury consciencioso não admittiria n'uma exposição.

E o ministro portuguez que sanciona tal compra não se julga desprestigiado na sua força intellectual e moral; a imprensa esquece-se do dever de protestar em nome d'um povo inteiro, e os artistas pactuam com o governo ou com a imprensa.

Decididamente, a covardia e a imbecilidade asphixiam todos os impulsos honestos.

Manuel Cardia.

Historia tragica de um cãosinho de estima

.....

I

SENHORA morgada decidira passar calmas no solar da Ribarinha. Veraneava pelas suas propriedades de luxo, em Cintra, em Cascaes, ainda costumava fazer sortida por uma ou outra estancia aristocratica lá pelo norte, quando não lhe apetecia uma viagem por terras de estrangeiro.

Durante o inverno o palacete da Carreira dos Cavallos abria o largo portão brazonado á fina flôr da gente de nomeada.

E o antigo solar á beira da estrada velha, cabeça do seu mais abastado e remoto morgadio, sómente lá de tempos a tempos, raros tempos e magras demoras, tinha a honra ufaneira de abrigar sob as musgosas telhas vãs, senhora de celebradas virtudes, dama tão nobre de tamanhas soberbas graças.

Quando na aldeia lhe souberam da vinda, desde o mais pobre ao mais endinheirado, as frontarias das casas e interiores viaveis levaram grandes barradas de cáio.

A' porta da igreja appareceu collada meia folha de almasso. Pedia-se n'ella aos illustres conterraneos que evitassem quanto possivel, durante o tempo que s. ex.^a estacionasse, a liberdade de suinos pelas ruas, ou burros, ou bezerros, ou outros quaesquer animaes de vulto que podesse ser de mau gosto encontrar entre os transeuntes, e mesmo perigo de quedas por correrias e desentorpecimentos ou causa de sujidades repugnantes. Gallinhas e patos podiam sirandar. E quanto ás estrumeiras de matto aconselhava que se levantassem das ruas de maior transito e se accomodassem nos curraes.

Quem redigira o edital urbano fôra o mestre das primeiras letras, que tambem tivera a ideia. Feita a leitura na tenda do Belchior, o prior approvou e o regedor, incondicional, abriu muito ufano e applicado

a sua assignatura muito floreada de rabiscos sobre aquelles dizeres de bons-costumes.

Miguel Pigarro, caseiro da Ribarinha, ficou de participar o dia certo da chegada, mais a comitiva que vinha com a patroa.

Por isso, quando o rapazelho que todas as manhãs, montado na egoa, ia buscar a malla ao comboio, veio pousal-a sobre o mostrador da tenda do Belchior, encarregado da distribuição, e o homem desenrolando o nastro que empacotava a correspondência, espalhando-a, deu de olhos com o nome do caseiro num sobrescripto acantoado pelo braço da Ribarinha, mandou, logo de corrida á estrada velha.

—E olha lá, ó coisa! Não saias de lá sem que elle diga o que está combinado, ouviste?!

Veio o Miguel Pigarro. Trazia a carta ao leo, já suja das deda-das. Viera a mata-cavallós e trazia a bocca secca, confessou de entrada, arrastando-se para um môcho de pinho.

—Abra-me ahi uma cerveja, se faz favor,

O Belchior sobrelevado:

—Houve alguma coisa?

—Não, não houve nada....

E tomando do copo espumoso, passava o escripto.

—Leia, homem!

O tendeiro leu.

A morgada devia chegar no sabbado, no comboio das nove, no que lá chamavam o *meio-expresso*. Estava-se em quinta feira.

—Ao depois d'amanhã, não é o que elle diz?

Pousava com ruido no balcão o copo enxuto de um trago: deixou-se cahir, muito abatido, sobre uma sacca de milho encetada.

O tendeiro relia para maior certeza.

—E, sim. E depois?

—E depois?! E depois é qu'eu ainda não tenho as casas todas lavadas, é qu'è o depois!...

Em falla mansa, retemperado, o Belchior retorquia:

—E' que você se descuidou, seu Miguel!

E elle a esturrar:

—Qual descuidei! Aquillo é uma verdadeira ilha lá por dentro! E vossemecê é que não sabe como o sôlho anda encardido! Ha mais d'eu sei lá quantos annos qu'ella não põe cá os pés... As casas teem estado a servir de celleiro... Calcule vossemecê...

E é que não atinava com o meio mais rapido de limpeza! Aldra-bar o que faltava? passar a panno? E se á morgada lhe dava p'ra metter o nariz? Depois, uma passagem a panno, inda que seja com bastante agoa, nunca é serviço tão perfeito como a côco... E não dá cabo do pulguêdo. Que aquillo havia por lá cada matrona! E barafustava, confundia-se, sentia mais sede, mais calor. Já nem adregava de acertar quantas eram as casas limpas e quaes! Maldizia a ideia negregada da patroa, uma fidalga que tinha tanta dinheirâma p'ra gosar n'outras terras com mais luxo, vir p'ra ali enterrar-se, naquelle chavasqueiro!

—Ella nem já s'alembra como isto é por cá, é o que é.

A diatribe não agradou ao tendeiro; e fêl-o extranhar.

—Mas a morgada não no preveniu ha'tempos, ó seu Miguel?! Ha mais d'uma semana e picos que vossemecê disse ahi nesse mesmo sitio que ella estava a chegar!

—Pois disse.

—E então?!

Andára a molle-molle, todos os dias em que apanhára uns bocca-dos de attenção para isso; mas o que o outro tambem não sabia é que de vez em quando lá vinha seu bico d'obra que roubava mais d'um quartel!

— E eu nunca futurei qu'ella mandasse parte sómente á ultima da hora! Sempre imaginava oito dias, árrebeitar!

E ahi agora faltavam-lhe braços; não era serviço p'ra tirar maltezes das fazendas e pespegal-os p'rali, nas limpezas. Não na sabiam fazer. Eram peores que cevados!

— Mulheres é qu'eu queria. Essas é que davam a conta.

Depois do jantar já p'ra lá iam duas; mas precisava d'outras duas, pelo menos, e por mais que barafustasse, que remexesse na mioleira inda não lhe alembrara quem ellas podessem ser.

— Bote vossemecê pregão, talvez appareçam—illucidou o Belchior.

Miguel Pigarro pulou d'estalo, rejubilava. Batia palmadas contentes nos canniços das côxas.

— O' homem, isso é qu' é uma ideia! E é que vou já.

Era meio dia. Abalou para o rocio da aldeia, esquecendo a carta no balcão. O tendeiro embolsou-a; foi á cosinha dizer á mulher que lhe pozesse o jantar no quente do lume que elle não tardava.

— Tu ora aonde vaes?

— A' casa do prior; mas não demoro nada. Olha aqui p'la loja que é um instantinho.

Passou pela escola-regia. Garotava o rapazio cá fóra, na folga. Abeirou do peitoril de uma das janellas baixas. O mestre-escola sentado á banca da aula rabiscava ainda, emendando ditados. O Belchior chamou, accenava com a carta, explodia intimativa de urgencia:

— Venha d'ahi, ó seu Soares!

O outro, lentamente, approximou-se.

— P'ra quê?

— E' a fidalga que chega, homem! Depois d'amanhã!

— O que? Já!

— E' como l'e digo. (Palmava no papel). Está'qui escripto, que li eu! (E tomando do braço ao outro, parecendo forçal-o a que salvasse o peitoril.) Vamos a vêr se fallamos com o prior.

Mas o mestre-escola, sereno, mascava, torcia.

— Homem, isto agora é muito má hora. Elle está a jantar....

— Deixal-o. A gente não é p'raquellas. Se não fosse coisa d'urgencia...

Mas Soares não se resolvia. Quanto a elle, o melhor, seria deixar a palestra logo para de tarde. Mandava-se aviso ao regedor, tambem, e logo mais, assim por volta da noitinha, elles iam todos tres ter com o homem.

— E' melhor serviço, você não acha?

— E se falta o tempo?

Faltava agora o tempo!... olha que ideia!... Então elles não eram tres? Porque o prior não contava para voltas. Não eram, por consequencia, tres pessoas disponiveis para começar amanhã logo de manhã a cuidar do que se combinasse?

— Eu, se calhar, não abro a aula, tenho o dia todo, e você ainda se lhe mette na cabeça que tres homens com boa vontade e á finca não despacham tudo que houver para tratar em menos d'um phosphoro?

Mas Belchior resmungava. Aquellas coisas ditas assim d'aquella

maneira eram muito bonitas, isso é que ellas eram! Mas vamos que apparecia algum embarço? que se combinava uma brincadeira qualquer e que essa brincadeira, por artes do demonio, não se encontrava ou não se podia fazer por inteiro — não ficava tudo côxo? Não era má figura?

— Deixe estar que não acontece...

— Eu sei lá se não acontece!

O que elle não queria, nem por sombras, era á ultima da hora encontrar-se nos assados do Pigarro. Narrava as attribuições do caseiro, para demonstrar «até á evidencia» quanto vale uma pessoa fiar-se nos taes tempinhos de sobejo. Declarava nunca lhe haver acontecido a mais pequena semsaboria, que se dissesse, em falhas de programma sempre que o seu nome entrára nas romarias ou organisára cavalhadas, ou festança qualquer, publica e mesmo caseira, porque sempre fôra d'aquelles que costumam tratar dos seus arranjos muito a tempo e a horas.

Ensopava no *Alcobaça* as bagas que lhe escorriam pela testa avermelhada.

— Olhe que me custa os olhos da cara se eu vou metter-me nisto e sahe alguma burricada!

O Soares, mãos nos bolsos das calças trincolejando chaves, ouvia muito placido. Mandou embora uns garotos acudidos pelos berreiros e gestos do tendeiro. Para alliviar o homensinho d'aquelle pesadelo extemporaneo, esteve vae não vae para concordar e sahir; porém desistiu. Que diábo! Elle tambem era senhor da sua vontade! Mostrará razões para não ir, devia sustental-as! Demais, elle não era nenhum labrêgo a quem fizesse respeito os berreiros de qualquer creatura engraixada! Era mestre de primeiras-lettras, o que significava que tivéra os seus estudos e concursos, e consequentemente superior á pessoa do tendeiro, bom typo, menos mal de carnes, mas pouco luminoso.

Portanto, pela mansiuha, piparotando umas poeiras na golla da jaqueta do Belchior, começou:

— Attenda você cá uma coisa, ó santinho! Você pôde ter muita razão, pôde mesmo tel-a toda; mas ha de fazer o favor de me ouvir, sim? Faça-me esse favor, que nós cá inda não deixámos de ser amigos.

Numa longa sabbatina soporifera de quem vive habituado a inter-nar vogaes e consoantes nos rijos craneos da marmalha aldeã, Soares desfiou a razão da sua proposta.

Antes de entrar na actividade do caso sujeito, havia tres estancias a percorrer: primeira — alvitrar; segunda — discutir; terceira — approvar. Depois d'isto, seguia-se a partilha dos encargos, equitativamente para evitar sobrecargos. Ora tudo quanto elle expunha ali pelo alto, requeria maduramente pensado e pesado, comportava sua demora, marcada, infallivel, a que não se pôde fugir sob o risco de castellino de cartas.

— E eu... agora é p'ra lhe fallar franqueza... ainda não enguli as sopas, e os minutos vão caminhando sem se importarem comigo para nada. Por outro lado, tambem não posso deixar a garotada p'rahi a re-toiçar até mais tarde.

Isto é: encontrava-se preso pelo estomago, mola real das forças, e preso pela obrigação, pelo trabalho, mola real da existencia.

— Agora se você faz muito empenho em dar a noticia já, já, ao prior...

Elle empenho... empenho... Talvez que o outro até já sou-besse, podia ser que o Pigarro...

—Emfim, estou com você... Quando não póde ser... E onde é que a gente s'encontra?

—Eu passo lá p'la loja. Mande aviso ao regedor, que eu passo lá p'la loja.

O tendeiro apartou-se. Elle ouvira fallar em sopas e lembraram-lhe as que deixára em casa, no quente do lume, uma feijoada e couves, que até cheirava cá fóra, na loja. E aguava com a lembrança, deslizando o andar.

A's Trindades reuniram-se com o prior na residencia. Leu-se a carta. A fidalga apenas trazia em comitiva a sua creada-grave, a cozinheira e o creado de meza, sequito bastante reduzido e muito denunciador de grandes desejos de recolhimento. De maneira que, o melhor que elles tinham afazer, era uma recepçãozinha que alliasse á maxima belleza a maior das simplicidades.

— Não lhe parece, sr. padre Antonio?

O prior, redonda figura sã de echaracter, assentia claramente. E o regedor mais o tendeiro de abanarem as cabeças, confirmando.

— Trata-se então de pensarmos nos materiaes de que devemos lancar mão. Cada um de nós lembrará e do todo...

Padre Antonio atalhou. A sua parte de lembrança delegava-a no professor. Não tinha inventiva absolutamente nenhuma, dizia,—com o braco a repellir. Os outros tambem echoaram na delega.

Mesmo o Belchior disse:

— Vale mais um só a mexer na panella.

E o regedor ajuntou:

— Sempre assim ouvi dizer.

— Visto isso...

O das primeiras lettras curvado para agradecimento declarava impar de honra. Poz-se a olhar as traves do tecto, mãos cruzadas, pollegares dobando. Os outros tambem olharam; mas breve voltaram as vistas para o chão, á espera. O silencio era de clausura. Elle conservou-se na attitude contemplativa obra de cinco minutos. Depois fallou.

Lembrava se confeccionassem dois arcos de buxo serpenteados de flôres campestres: levantavam um na entrada da aldeia, outro na entrada do solar: arranchavam moças geitosas e bonitas para lhe deitarem abadas de flôres quando apeasse na estrada velha, mandava-se fazer provisão de giestas, p'ra dar bom cheiro: tres girandolas de foguetes serviriam para annunciar por valles e outeiros, a todos os povos do concelho, os tres passos capitaes do simples cortejo festivo:— apear do comboio— entrada na aldeia, á passagem sob o arco— e subida para o solar. Deviam amenisar a festa o tamborileiro e mais o gaiteiro. E tambem podiam apalavrar alguns rapazes do sitio, tocadores de guitarra, viola ou harmonium, para musicarem numa serenata, á luz de canhotos. Escusado seria notar que o sino da igreja badalaria as boas vindas festivas.

Sanccão unanime, immediata, muito applaudida a ideia— sim senhor— tanto pela belleza singela— o mais que se podia imaginar— como facilima de boa pratica e garantidos effeitos.

— Dois tentos, seu Soares.— E mais dois meus.— E outros dois meus, tambem se faz favor.

Elle mesurava. E ainda accrescentou:

— Isto quanto a regosijo geral, agora nós, na qualidade de promotores, compete-nos cavalgar para estribeiras de caleça.

Padre Antonio pediu dispensa. Andava amaleitado das cruces, receiava.

— Mas vamos nós tres. Padre Antonio fará as honras á entrada do solar, ou manda-se á villa, ao João Alquilador...

— Eu antes esperava. Os caminhos mesmo de carruagem... E maior despeza... Enfim, veremos...

Distribuidos os encargos levantaram a sessão, bebericando de uma garrafita do abafado.

E no sabbado, uma hora antes da chegada do comboio, sob um sol que se annunciava quente, já tudo estava a postos — arcos verdejantes, floridos; moçoilas garrulas, garridas; os homens para os foguetes de olho alerta, ouvido attento; e os dois instrumentistas de guarda á porta da estação — p'ra romper com o hymno logo que ella se aviste, vocês ouviram?

— Mas a gente não na vê. Temos a parede defronte.

— Cá virá alguém avisar.

Pela estrada branca, poeirenta, aos magotes, procurando sombras, sympathias, compadrios, precisões de fallas, o povoleo á dominqueira, enganava o tempo de demora e cansaço, lembrando valimentos da fidalga, livranças de militarismos, bons empregos, dinheiros mandados para esta, andainas para aquella, e sempre querendo que lhe escrevessem se era bastante, se chegava, se contentava, se não tapava a falha por inteiro, que não queria acanhamentos, nem miserias por envergonhados. Ah! elles podiam-se gabar de não haver por'li, boas legoas p'ra cada banda, mais nenhuma outra como ella, lá isso é que podiam!

Portanto, quando a morgada apeou e a primeira girandola estrondeando os ares (25 foguetes a 4 respostas) incendiou enorme grita no rapazio em debandada cega á caça dos canniços, o entusiasmo coriscou, raiou, trovejou num delirio doido, selvatico.

Alta, elegante, macia no rosto descolorido, lumes de velludo nos olhos grandes, a fidalga saudava, sorrisos amaveis nos labios tumidos, meneios leves de cabecita loira, todo aquelle cirado de pescoços esticados, olhos em bugalhos, faces côtas, boccas hia.ites que pareciam querer devoral-a com a sua bruta avalanche de sympathia, muito berrada, muito esbracejada. Havia no ar um cheiro acre, forte, de poeiras e agrupamentos. Rufava o tamborileiro, a cornamusa gemia. Longe, por engano, a segunda girandola estralejava

Esmorecidos os rugires de aclamação D. Angelica de Ribarinha agradeceu a padre Antonio (melhor das cruces, incapaz de quedar) aquelle nunca esquecido acolhimento.

— Venho gosar um pouco de vida simples, sabe padre Antonio? Retemperar d'aquellas pestilencias da cidade. Faz bem de quando em quando.

Mollemente dizia-se fatigada pela viagem. Subiu para o trem onde a creada grave (caso que o Soares até reparou) já se anichára — uma raparigota longa, de capa verde garrafa quasi até aos pés (com o calor que estava, calcule-se) e o rôsto pallidosinho, parecendo que padecia — codoiam as comadres.

O Pigarro, brioso na melhor andaina, alamares brancos em jaqueta de velludilho, cinta vermelha, botas de canno, fechava a portinhola, o aba larga na mão, curvado para o interior, a ouvir.

— Já abalaram os dois, sim minha fidalga. Foram na récu. Vão bem, fidalga. V. Ex.^{as} é melhor fechar as vidracinhas: mais calorinho; mas menos pó.

Trepou para a almofada recommendando vagar ao cocheiro. A comissão tomou a estribeira. As saudações repetiam-se.

Dentro, cerrados os vidros, D. Angelica perguntou solícita:

— E elle, ainda muito assustado?

E a aia com amuo:

— Ai não! Com aquelle barulho das bombas e esta berraria!...

Abriu a capa verde-garrafa, um tudo-nada. A fidalga curvou-se. Teniam-lhe os berloques da pulseira. A voz tinha carícias.

— Coitadinho d'elle, coitadinho d'elle... São muito mausinhos não são?

Curvou-se mais. Um beijo. E a capa desdobrou-se, a cobrir.

Estrada fóra, entre nuvens brancas de poeira enovelando-se preguiçosas no ar quente, a caravana do povo seguia em ordem o lento rodar da caleça.

Os vivas, pouco a pouco, foram esmorecendo. Agora era o ruído cavo das passadas no macadam, instinctivamente certas, cadentes. A gaita-de-folles e o tamboril silenciosos para um bocado de conforto atacaram, á uma, a abertura da moda nova. A' ilharga d'elles uma barytonal entoou:

inha terra tem vinhedos,
E tambem tem oliveiras,

E logo pela ranchada vozes frescas a concluirem, côro afinado:

P'ra ti serão linda moça
Ponto é que tu l'o queiras.

A' noite a serenata sahiu de brilhantismo. Fecharam-se rodas de bailaricos que duraram até antemanhã, em volta das fogueiras.

No domingo a fidalga mandou escancarar o portão da cerca, lançou convite a todo o povoado para merenda com vinho á farta, e a notada de proseguir.

Sómente na segunda-feira depois da sésta é que todo aquelle povoleo encarillou, aos vagares, na faina dos campos.

— Até pareceu um casorio, não pareceu, ó Zé Raia?

E o Zé Raia, garoto guardador de cabras, arreganhando lamécha, rocegava pela moça felina corcova em idyllio.

— Iss' é qu'elle até pareceu, ó Rosa?

Eduardo Perez.

Flora

A tus piés Triptolemo, déa, su cornucopia
vierte, mientras tus manos alzan sobre la testa
encrespada de oro la simbolica cesta
en donde el Iris magico sus riquezas acopia.

El perfume que nace de tu sustancia propia
unge los palpitantes senos de la floresta,
y la estación que rie bajo su luz de fiesta
hace tus gracias suyas y tus sonrisas copia.

Pues al paso de Flora la tierra se commueve
y con formas de oro, de purpura, de nieve,
de azul, la maravilla de su misterio espresa:

asi, llena de musica la selva melancólica
traduce por el canto de la flauta bucólica
lo que arde, lo que aspira, lo que ama y lo que besa

Rubén Darío